

Introdução

A partir do texto da autobiografia de Alexandrina de Balasar respigamos algumas das expressões da própria Alexandrina sobre Deus Pai, sobre o modo como Lhe rezava, O via, O percebia, O adorava, Lhe pedia, Lhe implorava, e como confiava nEle. Estas expressões constituem a marca da sua espiritualidade. Nelas se espelha a sua relação filial ao Deus de Jesus Cristo e da Igreja. Com estas breves notas ensaiaremos uma síntese das características da imagem do Deus de Alexandrina de Balasar, afinal o nosso e mesmo Deus Pai. Trata-se apenas de um exercício exploratório. Para o fazer, não se pode deixar de ter em conta que a Beata Alexandrina – Alexandrina Maria da Costa (1905-1955)¹ [= AMdC] – viveu no contexto do período anterior ao Concílio Vaticano II e teve ainda como catecismo o Catecismo de S. Pio X. Estas são notas fundamentais que ajudam a compreender muito da linguagem da sua fé e da sua experiência religiosa. Este não é o contexto conciliar da renovação litúrgica nem da nova teologia da comunhão, com consequências para a própria imagem da Igreja, tal como é veiculado pela *Lumen Gentium*. Quando AMdC fala em comunhão está normalmente a referir-se à comunhão eucarística. Este contexto pré-conciliar traduz-se numa espiritualidade muito própria, que se traduz por sua vez numa linguagem muito própria – aquela que encontramos na sua autobiografia. Continua muito presente neste período uma vivência muito sacramental e litúrgica da fé cristã, cultivava-se frequentemente uma relação mais individual com Deus; a fé cristã é partilhada e vivida quase como que por osmose, tal a envolvência e a participação na vida da Igreja ao nível da catequese, da liturgia, dos momentos de oração. É este ambiente que moldou a espiritualidade da nossa Beata Alexandrina e que plasmou, conseqüentemente, a própria imagem de Deus. Deus acaba sempre por ter uma imagem, para além da imagem maior do seu *ícone* – o seu Filho. Esta imagem é reconstruída pelo contexto social e eclesial, pelas circunstâncias existências da nossa bem-aventurada, pela sua história de vida, pelo tempo da sua vida e

¹ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa Edição Pastoral*, vol.I, *Autobiografia*, Balasar, Fundação Alexandrina de Balasar – Faculdade de Teologia da UCP Braga 2018.

pela região onde ela se desenvolveu. No fundo, o seu *Sitz im Leben* influi na sua espiritualidade.

Ao longo da sua autobiografia, AMdC dá-nos muitas ressonâncias bíblicas do Deus de Israel e do Seu Filho o Senhor Jesus, pois a catequese foi introduzindo AMdC ao mistério de Deus, ainda que na altura a linguagem bíblica não estivesse tão presente na catequese e na vida da Igreja quanto estará depois do Concílio Vaticano II. A prática da fé, a vivência cristã, a frequência da catequese e a participação na liturgia da comunidade foi dando a AMdC linguagem bíblica para falar e dirigir-se a Deus Pai. Foi assim que foi conhecendo e ouvindo os textos bíblicos: na catequese e na liturgia.

O Deus transcendente

AMdC apresenta uma consciência aguda dos limites e da condição criatural humana, ao ponto de tremer diante da transcendência de Deus. Este estremecimento evidencia a sua consciência da distância do Criador à criatura, não sendo, por isso, uma percepção negativa. O Deus *triságion* de Is 6, o Senhor dos exércitos – *Adonai Seba'ót* – pela imponência da linguagem apocalíptica com que é aí apresentado (mas cuja linguagem simbólica apocalíptica não encontramos na autobiografia de AMdC) causa esta reverência, este obséquio. Deste ponto de vista, esta consciência de que Deus é três vezes *qadosh*, porque não pode ter nada a haver nem com o mal nem com o pecado, aumenta em AMdC a fé de que Deus é puro, infinitamente puro, e que por isso a inspira a uma vida de pureza e simplicidade. Deus é a pureza absoluta que ela quer imitar e viver, que a chama à santificação pelos meios da graça que a Igreja lhe disponibiliza. É o Deus puro que a purifica. Por o ser, é normal que Deus tenha a oposição do demónio e do diabo, linguagem muito comum na época.

A referida impressão e percepção do senhorio de Deus, de que Deus é o senhor da vida e da história, absoluto, transcendente, completamente afastado do mal e do pecado – pois é a santidade em si mesma – leva AMdC a reconhecer-se como a sua humilde serva, o que instaura uma relação muito mariana com o Senhor Deus. Esta atitude de serviço não é uma subjugação, mas uma entrega. Este senhorio de Deus não é impositivo, antes, é amoroso e gratuito, pois Deus é amor (cf. 1Jo 4,8.16). É o Deus Senhor que é muito maior, imensamente maior do que as suas criaturas, cujos pensamentos estão para lá dos nossos quanto o céu dista da terra (cf. Is 55,8-9). AMdC reconhece-se frágil e vulnerável aos olhos de Deus. Este reconhecimento abrirá AMdC

à vivência da condição de filiação adoptiva, de filha de Deus que sabe que se pode entregar nas mãos do Pai. Isto é ainda visível no tratamento que dirige a Deus com a segunda pessoa do plural “Vós”. Neste contexto, o Deus de AMdC pode ser considerado também um Deus paulino, um Deus da fé no sentido em que AMdC pode fiar-se nEle. É um Deus fiável, em quem AMdC confia totalmente. Este é o Deus paulino da *propositio* da carta aos Romanos em Rm 1,17: é o Deus com quem “o justo viverá pela sua fé”. Este enunciado pode ter dois sentidos: o crente vive confiando em Deus, fiando-se nEle, e também vive da fiabilidade de Deus, pois Deus é fidedigno, fiável.

O Deus Santo

AMdC olha assim para Deus como o Deus Santíssimo. É o Deus *triságion*, o Deus três vezes *qadosh* que AMdC quer imitar, cumprindo o desafio bíblico de Lv 19,2: “sede santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo”. Curiosamente, poderemos considerar que esta é uma concepção muito sacerdotal e rabínica, própria daquela imagem do Deus que está totalmente separado do mal e do pecado, e isso, no judaísmo palestinense é visibilizado arquitectonicamente com a progressiva separação até chegar ao *santo dos santos* no templo em Jerusalém. A construção arquitectónica das igrejas pré-conciliares espelhava isto mesmo. Ora, este Deus três vezes *qadosh*, por ser três vezes santo, tem de habitar no lugar mais santo de todos, no lugar mais separado, mais sagrado, mais consagrado, mais dedicado exclusivamente à sua presença. Assim, a Mishnah e o judaísmo palestinense que Paulo conheceu tão bem apresentam dez (de)graus de separação (*Kel* 1.5-9)² que traduzem geograficamente essa santidade, essa separação e essa aproximação à santidade do lugar mais sagrado, o *qodesh qodashim*, o *santo dos santos*:

- a) a terra de Israel é uma terra santa (cf. Zc 2,16) face às demais que estão mais longe;
- b) as cidades muralhadas de Israel são mais santas face às outras que o não são;
- c) a sua capital, Jerusalém, é a cidade santa (cf. Is 48,2; Mt 4,5), porque mais próxima de Javé, aquela que não está tão longe, tão separada do Deus de Moisés;

² Cf. JACOB NEUSNER, *Theological and Philosophical Premises of Judaism*, Boston 2008, 60-61.

- d) o recinto exterior do templo construído por Herodes (*ieron*) é um lugar santo (cf. Mc 13,1-3) e nele qualquer pessoa pode entrar, mesmo os gentios; esse constitui um espaço mais especial face a todos os outros da cidade, pois está mais perto de Javé;
- e) o átrio das mulheres era mais santo; aqui já não entravam os gentios, mas aqui encontrava-se o tesouro do templo (cf. Mc 12,41-44; Lc 21,1-3); Jesus chegou a ensinar neste átrio (cf. Jo 8,20.59) porque era judeu;
- f) o átrio dos homens ou o átrio de Israel era mais santo do que o das mulheres e gentios e mais interior ainda do que o das mulheres; até aqui podia ir Jesus;
- g) o átrio dos sacerdotes era mais santo, o átrio que circundava o santuário propriamente dito, pois destacava-se face ao dos homens;
- h) o espaço entre o altar e o santuário (cf. Mt 23,35) era ainda mais reservado, mais santo, mais sagrado face aos outros espaços não tão interiores;
- i) para lá do pórtico interior do templo (*ieron*), os sacerdotes entravam no templo propriamente dito; este templo é dito nos LXX *ágion* e *heikal* em *Kel* 1,8-9. O sacerdote (*iereus*) é o que serve no *ieron* e no *debîr* (*ágion*); no judaísmo os sacerdotes são-no por nascimento, e não por eleição, sendo esta uma herança da tribo de Levi; Jesus é da tribo de Judá, por isso não é um sacerdote de Israel nem podia entrar no dito santuário mais interior;
- j) “o Santo” (*ágion* / *qodesh qodashim*: cf. Ex 26,31-35) continha o altar do incenso; para lá do “Santo”, separado por uma cortina, estava o “Santo dos Santos”, o décimo primeiro degrau da escada da separação; este era o lugar do *kappóret*, do propiciatório (cf. Lv 16), a sala mais interior, o *debîr*, o *ágion tôn agiôn*.

Numa definição possível e mínima acompanhamos o cardeal Gerhard Müller de Munique e anterior Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé para estabelecer em que consiste basicamente uma consagração. Seja quando falamos de “dedicatio”, de “benedictio”, de “ordinatio” ou de “consecratio” é suposto que uma realidade quotidiana do nosso mundo seja assumida na sua valência simbólica “ficando em relação com Deus e com a obra salvífica de Cristo”³. Estamos, portanto, no âmbito da relação, da dedicação. Assim sendo, AMdC olha para o sacrário da Igreja paroquial como o lugar mais sagrado, mais dedicado, mais consagrado de todos, mais relacionado com Deus porque é o que está mais perto dEle. Esse é o seu *qodesh qodashim*, o seu *Santo dos*

³ Cf. GERHARD LUDWIG MÜLLER, “Weihe / Weihehandlungen I. Katholisch”, *RGG*⁴ VIII (2005) 1332.

Santos. Até pediu para ficar sepultada voltada para ele. E quando não podia, recebia a comunhão em casa.

Deus (do) amor

O Deus de AMdC é um Deus que não quer o sofrimento, mas que o acolhe. É o Deus do amor infinito, e não o Deus implacável que descarregaria toda a sua ira sobre o Filho ao ponto de o fazer sofrer. O sofrimento para AMdC é um caminho de união a Deus Pai. O Deus de AMdC não é o Deus do sofrimento, mas o Deus de um amor maior revelado no amor ao mundo vivenciado pelo Seu Filho até à Cruz por amor da pobre humanidade pecadora⁴. Sem nunca citar Rm 8,32 (“não se eximiu do próprio Filho, mas entregou-O por todos nós”), AMdC mostra bem que se distanciou da leitura da modernidade, que viu neste versículo paulino um Deus implacável e amante do sofrimento, caprichoso e sádico. Ora, AMdC integra o sofrimento, acolhe-o e oferece-o ao Senhor Deus e, quando parece dizer que Deus envia sofrimentos aos seus filhos, não deixa de o fazer no quadro da lógica do amor, isto é, no único quadro plausível e razoável que descobre que Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho único, como escreve Jo 3,16. Deus não envia sofrimentos. AMdC olha para eles como o conjunto das dificuldades da finitude humana perante os quais Deus não deixará de auxiliar para os superar. Se eles existem e se são experienciados é porque Deus não deixará que sejam demasiados ou incapazes de suportaçãõ ou de superaçãõ. Nessas circunstâncias, Deus não faltará com o auxílio da sua graça. Deus não quer o sofrimento. AMdC descobre então no sofrimento uma ocasião de maior união ao Senhor, de partilha do amor condoído de Deus pelo mundo. Porque Deus ama o mundo, ela também quer amar e sofrer pelo mundo, o que está em linha com uma das tradições teológicas de vários Padres da Igreja⁵. Não é um Deus infernal, mas naquela época a pregação integrava frequentemente as referências ao inferno. Ora, este Deus não infernal nem infernizante é um Deus misericordioso e compassivo, não deixando de ser justo. Mas é justo porque precisamente quer fazer justiça aos mais desprotegidos. Para AMdC Deus é justo, pois também clama por justiça e quer vingar os oprimidos, e não porque à maneira de um simples juiz aplica implacavelmente um código ético ou moral. O Deus da vingança não consegue ter nada

⁴ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 112.

⁵ Ver o nosso trabalho *Deus sofre*. In VÍTOR COUTINHO (coord.), *Actas do Congresso “Jacinta Marto – Do encontro à compaixão”, Fátima 4-6 de Junho de 2010*, [= Colecção Fátima Estudos 2], Santuário de Fátima 2010, 247-287.

a haver nem com o mal nem com o pecado. Por isso, ira-se. Esta é uma imagem muito antropomórfica, que também está presente na imagem de Deus de AMdC:

“tinha medo de perder a minha inocência e receio que Nosso Senhor desse algum castigo”⁶

Nos tempos de AMdC as catequeses sobre o inferno e sobre o juízo de Deus instigavam uma imagem castigadora de Deus. Ora, Deus é misericórdia. Quando AMdC refere que Deus a assustava⁷, exprime essa imagem vingativa de Deus, própria daquela época. Perdurava, deste modo, uma concepção muito humana da justiça pensando a de Deus do mesmo modo, o que não corresponde à imagem bíblica. Deus não assusta nem é vingativo. Sem deixar de dizer a verdade e de chamar à verdade, Deus ajusta-nos a si: isto é a sua justiça. Por nos ajustar a Si de maneira totalmente gratuita, então isso é sinal da sua misericórdia, do seu amor, do seu cuidado, pelo que não existe incompatibilidade entre a justiça e a misericórdia de Deus. Quando Deus faz justiça está a usar de misericórdia, pois é o único que ajusta a pessoa humana a Si, à salvação. Então, quando falamos biblicamente da justiça de Deus não estamos a aplicar a Deus o funcionamento da justiça humana: Deus não é justo como a humanidade é justa, pois o que está em causa é uma relação interpessoal entre Deus e o crente, e não à maneira humana entre o cidadão e uma qualquer norma.

O Deus do sofrimento

“O sofrimento foi doloroso. Ah! Se desta idade soubesse já aproveitar-me dele”⁸. Parece que para AMdC Deus dá sofrimento aos seus filhos, mas apenas parece. Ora, Deus dá “descanso do teu sofrimento”, não pré-determina nada à maneira despótica ou arbitrária. A Beata Alexandrina entende o sofrimento como parte integrante da vida, a qual reintegra na relação com Deus. Ela integra o sofrimento que Deus não quer nem nos quer dar. E, quando passa por ele, AMdC oferece o sofrimento a Deus ao ponto de julgar que é Ele que lho dá. É o modo com o qual se exprime para partilhar com Deus o seu sofrimento físico ou espiritual. Não deixa, contudo, de ser uma imagem dolorista de Deus decorrente daquela que foi pregada e em que foi catequisada AMdC:

⁶ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 27.

⁷ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 80.

⁸ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 16.

“ofereci-me a Nosso Senhor como vítima e vinha desde há muito tempo pedindo o amor ao sofrimento ... não trocava a dor por tudo que há no mundo”⁹

Note-se que ela não quer o sofrimento pelo sofrimento, o que seria patológico. Mas até busca e aceita a dor para participar nas dores do Crucificado e da Senhora das Dores. Por isso, como foi referido, ela integra o sofrimento na relação amorosa da fé em Deus. Só neste âmbito é que se torna perceptível, compreensível, captável, intuído o dom maior pelo qual passa o Nazareno por amor ao mundo e à pobre humanidade pecadora. Neste sentido, esta espiritualidade está também marcada pela imagem antropomórfica do sofrimento quer de Deus pelo mundo (sobretudo numa vertente cristológica dos sofrimentos do Senhor dos Passos, do Crucificado) quer pelo sofrimento da história pessoal pela qual passou AMdC. O Deus de AMdC é o Deus dos pobres sofredores, que não fica indiferente ao sofrimento dos seus filhos e filhas. Este Deus do sofrimento é, assim, um Deus salvador, que desde o Antigo Testamento luta com Job e connosco para enfrentar connosco os sofrimentos inexplicáveis, e as aporias da vida humana. O mesmo fará Jesus: Jesus não dá uma resposta matemática sobre o sofrimento, mas enfrenta-se connosco redentoramente contra ele, combate-o connosco. Perante tal dádiva AMdC sente-se muito pequenina, objecto de uma misericórdia imotivada, e por isso recebe com um coração humilde e reconhecido o sofrimento pelos quais o Filho de Deus passou por nossa causa para nos salvar. Neste sentido, o sofrimento de que fala AMdC é um sofrimento redentor. Deus redime-nos no sofrimento do Filho, na paixão do Filho. E à boa maneira cristã, AMdC sofre por saber disto na fé, por se aproximar do Cristo sofredor e castigado. O seu é o Deus trinitário que cuida do sofrimento do mundo ao não abandonar o mundo à sua sorte. Por isso, naturalmente suplica ao Deus Trindade a bênção, ou seja, a graça:

“As três Pessoas da Santíssima Trindade me abençoem, assim como S. José, Maria Santíssima e todos os anjos ...”¹⁰

Deus criador

“à noite ao contemplar o céu e as estrelas parecia esconder-me mais ainda para admirar as belezas do Criador”¹¹

⁹ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 39.

¹⁰ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 43.

O Deus da Beata Alexandrina é também o Deus criador do universo, o Deus imponente, majestoso e, sobretudo, providente, o Deus cuidadoso que olha do céu pela intercessão de Maria, cuidando assim carinhosamente dos seus filhos.

No que à Criação diz respeito, para AMdC a:

“Criação está aberta à possibilidade de uma, sempre justa ainda que nem sempre evidente, acção providencial de Deus. Uma pela qual Este – sem violar as leis por Si livremente inscritas no Universo, sem violar a liberdade do ser humano, e sem diminuir a responsabilidade deste – manifesta o Seu domínio bondoso sobre todo o Universo (conferir, por exemplo, *Gn.* 45,5; *ISm.* 2,7s; *Mt.* 5,45; 6,26; *Gal* 1,15 ...)”¹².

Este Deus criador e providente é, sobretudo, mais o Deus da sua infância, quando vagueava pelos campos e pelo jardim da sua casa ou a contemplar o céu. Este Deus criador é contemplado na mãe natureza desde a sua infância, observando as estrelas e o murmúrio das águas. Assim se vai deixando enlevar pela onipotência amorosa de Deus. Este é o Deus criador dos Sl 8; 29; 33; 93 e da primeira parte do Sl 19, salmos que AMdC foi escutando e cantando ao longo da sua formação cristã:

Sl 19,² “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.

³ Um dia passa mensagem ao outro dia e uma noite dá conhecimento à outra noite.

⁴ Sem palavras nem discursos, sem mesmo se ouvir a sua voz,

⁵ o seu eco ressoa por toda a terra e as suas mensagens até aos confins do universo, entre eles Deus fez uma tenda para o sol.

⁶ É dali que ele sai, como um noivo do seu tálamo, e, qual herói, percorre alegre o seu caminho.

⁷ Num extremo dos céus tem a sua saída, e a sua órbita assenta no outro extremo.

E nada escapa ao seu calor”.

Diga-se o mesmo, por exemplo, do Sl 104:

“¹ Bendiz, ó minha alma, o Senhor! Senhor, meu Deus, como Tu és grande!

Estás revestido de esplendor e majestade.

² És aquele que está envolto de luz como de um manto, que estende os céus como um toldo;

³ aquele que armazena de água as suas altas moradas;

¹¹ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 27.

¹² ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 113.

aquele que faz das nuvens o seu carro e caminha sobre as asas do vento;
4 aquele que faz dos ventos os seus mensageiros e dos relâmpagos, seus servidores;
5 aquele que fundou a terra sobre as suas bases, para não vacilar jamais.
6 Tu a cobriste com o manto do oceano,
e as águas mantinham-se por cima das montanhas.
7 Com a tua ameaça, elas fugiram; ao fragor do teu trovão, precipitaram-se.
8 Subiam para as montanhas e desciam às profundezas,
conforme o lugar que lhes preparaste.
9 Estabeleceste um limite para as águas não ultrapassarem
e não voltarem a cobrir a terra.
10 És Tu que envias a água das nascentes para os rios,
que correm por entre as montanhas.
11 Eles dão de beber a todos os animais do campo;
ali matam a sede os burros selvagens.
12 Por cima dos rios moram as aves do céu e de entre as ramagens entoam o seu canto.
13 És aquele que rega as montanhas desde as tuas altas moradas.
A terra fica saciada com o fruto das tuas obras.
14 És o que faz brotar a erva para o gado e as verduras para benefício dos homens,
para assim fazerem brotar da terra o seu pão
15 e o vinho que alegra o coração dos humanos.
Assim obtém azeite para fazer brilhar o seu rosto e pão que lhe reconforta o ânimo.
16 Ficam satisfeitas as árvores do Senhor, os cedros do Líbano que Ele plantou.
17 Ali fazem os pássaros o seu ninho; dos cedros faz a cegonha a sua casa.
18 Os altos montes são para as cabras, os penhascos são o refúgio dos roedores.
19 A Lua procede conforme os tempos, e o Sol conhece o seu ocaso.
20 Tu estendes a escuridão e faz-se noite; nela vagueiam todos os animais da selva.
21 Os leões rugem em busca da presa, pedindo a Deus o seu alimento.
22 Nasce o Sol, logo se retiram, para se recolherem nos seus refúgios.
23 Sai o homem para a sua tarefa, para o seu trabalho até ao anoitecer.
24 Como são numerosas as tuas obras, Senhor! Tudo fizeste com sabedoria;
a terra está cheia das tuas criaturas.
25 Eis ali o mar, grande e de vastas extensões,
onde se agitam, sem número, animais pequenos e grandes ...”.

Tendo escutado e cantado estes salmos, não admira, por isso, que para AMdC Deus seja também o Deus da luz. Deus é luz. A Ele implora a luz, porque sabe que Ele é luz. Esta é uma das fortes imagens joaninas de Jo 1,5: “a luz resplandece nas trevas ...”, e que marcou a espiritualidade de AMdC.

Um Deus eucarístico

“fitei a Sagrada Hóstia que ia receber de tal maneira que me ficou tão gravada na alma parecendo unir-me a Jesus para nunca mais me separar d’Ele”¹³

É também um Deus eucarístico que ela encontra no momento maior da elevação eucarística, quer no momento da consagração quer na exposição do Santíssimo Sacramento, unindo-se, por Jesus, a Deus Pai. É o Deus da Igreja que Se torna presente no corpo e no sangue do altar que ela adora, porque aí O encontra no Filho, expõe-se e é exposta. Este Deus prende o coração da nossa Beata, tal a sedução do seu amor maior. Esta sedução é tal que ela pediu para ser sepultada voltada para o sacrário, lugar da presença do Senhor Jesus, para continuar misticamente unida ao seu Senhor. Por isso, ao longo da vida pedia com insistência para ficar perto do Senhor Jesus. No fundo, desejava ardentemente – como é próprio dos místicos – permanecer exposta diante do Senhor exposto no santíssimo sacramento da eucaristia. Esta contemplação, esta exposição da sua parte, era uma verdadeira exposição. AMdC expunha-se diante do Senhor exposto, o que faz da exposição do Santíssimo uma exposição dupla: a do Senhor Jesus, e a do crente adorador contemplativo. Neste sentido, a exposição do Santíssimo é também a exposição do orante:

“Ó meu Jesus, vinde ao meu pobre coração ... Escondei-me no Vosso Sagrado Lado ... Só a Vós amo ...”¹⁴

O Deus do amor e da misericórdia é experimentado eucaristicamente na adoração do Santíssimo e na presença eucarística. É assim que AMdC revela o seu amor por Deus Pai mas também pelo Filho, pela sua presença amorosa, que se torna para ela um conforto, a presença do amado, à boa maneira do Cântico dos Cânticos (cf. Ct 1,16a; 2,16a), ainda que não o cite nem comente. Mas para além desta fruição mística, a Beata Alexandrina vive a experiência criatural da distância ao Amado:

¹³ ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 21.

¹⁴ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 27.

“sentia uma humilhação tão grande que me julgava a mais indigna de receber Jesus-Hóstia!”¹⁵

Deste modo, a sua piedade eucarística marca cristologicamente a sua espiritualidade. Não dissocia o louvor a Deus (a eucaristia a Deus Pai) do louvor ao Amado no corpo e no sangue eucarístico. A fruição desta presença e do excesso do dom eucarístico é tal que se reconhece humildemente indigna de dele se abeirar. Apesar disso, esse desejo espiritual de união ao Senhor presente na eucaristia continua. Esta espiritualidade é alimentada pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus e pela espiritualidade da reparação, comuns na região do baixo Minho, a região de AMdC. Este coração é o coração do Amado, mas porque está dilacerado dilacera o coração da nossa beata amada, que quer unir-se mística e esponsalmente ao seu Senhor, a quem chama poeticamente à maneira do Cântico dos Cânticos *Esposo*

“Jesus é a minha força, é o meu amor, é o meu esposo ... Por Jesus sofro tudo para o consolar, para salvar as almas ...”¹⁶

O coração dilacerado de Jesus, por um lado, é sinal do seu amor, mas também do seu sofrimento e entrega pelo mundo dos pobres pecadores. Assim se compreende que AMdC o continue a desejar contemplar, a unir-se espiritualmente ao amor de Jesus seu Senhor e Esposo místico, simbolizado no seu coração. Mas, por outro lado, esse desejo de união leva-a a querer reparar os sofrimentos infligidos ao seu divino coração, ou seja, a consolá-Lo. A fé de AMdC intui esse desejo, a que ela chama uma “exigência”:

“... senti esta exigência de Nosso Senhor: Sofrer, amar e reparar”¹⁷.

O Deus da consolação

“a consolação de Jesus e a salvação das almas era o que mais me preocupavam”¹⁸

O Deus de AMdC é também o Deus da consolação que consola pelo Espírito Santo e é também consolado e consolável. A Beata Alexandrina vive muito a espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, bastante difundida nesta zona, bem como a espiritualidade da reparação, pois está muito presente na espiritualidade de Fátima dos santos Pastorinhos e estava bastante difundida no norte do país:

¹⁵ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 32.

¹⁶ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 96-97.

¹⁷ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 49.

¹⁸ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 40.

“Ó meu querido Jesus ... Deixai que eu entre nesse Coração bendito, nessa fornalha ardente, nesse fogo abrasador ...”¹⁹.

O desejo de consolação consiste numa relação pessoal de consolação, resultante da acção do Espírito Santo no coração do crente. AMdC anseia pela consolação de Deus ao nível físico e espiritual para ser ajudada a suportar a dor e os sofrimentos causados pelo pecado e pelo mal do mundo, pois sabe que Ele é consolador. A consolação de Deus é assim uma categoria com a qual traduzimos a acção benevolente pela qual o Pai do céu repara em nós, pela qual olha atenciosamente para nós, (pre)ocupa-Se connosco. Mas esta consolação não se fica apenas como descendo dos céus, ela prolonga-se na terra. Com efeito, Deus consola para que consolemos, e podemos fazê-lo quer a Ele quer ao mundo. A consolação de Deus chega-nos no perdão quando somos perdoados, mas ela também advém ao mundo quando perdoamos o mundo, fazendo desse perdão um lugar ou tempo de consolação por onde se intui a consolação de Deus, por onde se abre o caminho da transcendência. Deus quando perdoa pretende restaurar a aliança. Quando perdoamos consolamos, aliviemos, damos conteúdo ao amor de Deus, aos seus gestos reparadores, restauradores, salvíficos. Este perdão consolador é em si mesmo um gesto gratuito que espelha uma gratuidade anterior – o gesto gratuito do perdão que o Senhor Deus nos oferece. O gesto gratuito do perdão de Deus é imerecido, fruto de uma misericórdia imotivada. Logo à partida, por isso, é consolador, é restaurador das forças e reparador da esperança. É a tradução do Deus amor em si mesmo consolação ao Filho no Espírito.

O Deus Omnipotente

O poder de Deus admira a nossa Beata. Por poder de Deus ela entende não o arbítrio despótico de Deus, mas a sua essência – amar – ser Deus amor. Biblicamente o poder de Deus no Antigo Testamento traduz a experiência criatural da sua onnipotência, que a nossa Beata também vive. Na tradição vetero-testamentária, esse poder de Deus é a sua *kavôd*, a sua imponência de Criador, a sua sublimidade e grandiosidade. O poder de Deus no Novo Testamento será traduzido pela *doxa*, pela sua glória, e na parte final do NT pelo conceito de *agápê*, pois esta é a última grande definição de Deus no NT em 1Jo 4,16. Se Deus é poderoso tal acontece não só porque é Criador, mas porque não exerce esse poder pela via da força, mas pela via do amor. A sua onnipotência torna-se assim

¹⁹ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 45

uma onipotência impotente, porque não se impõe pela força da força, mas pela força do amor. Esta é a lógica do seu próprio Filho que “sendo de condição divina não se prevaleceu da sua igualdade com Deus” (Flp 2,6). O Filho faz o que faz o Pai, e o Pai ama como ama o Filho, entrega-Se entregando o Filho, abdicando da força.

O Deus medicinal

O Deus de AMdC é igualmente um Deus terapeuta, médico, sem ser o deus grego Aesculápio. AMdC fez promessas para tentar ser curada, o que era normal naquela época e naquela espiritualidade. Entrega-se nas mãos dos médicos, pois Deus é o criador dos médicos, como relata o sábio no livro do Sirácido, datado de 132 a.C., em Sir 38,1-15:

¹ “Respeita o médico pelas suas funções, como lhe é devido, porque também ele foi criado pelo Senhor.

² Com efeito, é do Altíssimo que vêm as curas, como um presente que se recebe do rei.

³ A ciência do médico exalta a sua cabeça; ele é admirado na presença dos grandes.

⁴ Deus faz a terra produzir os medicamentos, e o homem sensato não os despreza.

⁵ Porventura não foi a madeira que tornou a água doce, manifestando assim o seu poder?

⁶ Foi Ele quem deu aos homens o saber, para que glorifiquem as Suas maravilhas.

⁷ Por meio deles cura e alivia o sofrimento; e o farmacêutico faz composições especiais.

⁸ E, assim, as Suas obras nunca terminam; e por Ele a paz difunde-se por toda a terra.

⁹ Meu filho, quando estás doente, não te enerves, mas pede ao Senhor, e Ele te curará.

¹⁰ Afasta de ti o pecado, ergue bem as tuas mãos e purifica o coração das suas faltas.

¹¹ Oferece incenso e um memorial de flor de farinha e faz ofertas valiosas, segundo as tuas posses.

¹² Depois recorre ao médico, porque o Senhor também o criou; que ele se não afaste de ti, pois é-te necessária a sua assistência.

¹³ Há ocasiões em que a saúde está nas suas mãos;

¹⁴ também ele pedirá ao Senhor que lhe conceda a graça de conhecer a doença e a cura que te salve a vida.

¹⁵ Quem peca na presença d’Aquele que o criou irá cair nas mãos dos médicos”.

A Beata AMdC aceita a medicina, porque ela é um dom do Deus médico criador dos médicos, pelos quais providencia os cuidados da medicina aos seus filhos. E isto, apesar dos sofrimentos que os tratamentos lhe pudessem causar, como ela o relata quando foi enviada ao Porto. Mesmo nessas situações fisicamente dolorosas, AMdC encontra Deus como um Deus inspirador que a leva a tudo aceitar como parte dos desígnios do amor maior de Deus. Não teve um qualquer carisma para se submeter à realidade difícil dos tratamentos: bastou-lhe a confiança e a convicção de que Deus não a abandonaria nos momentos de prova mais difícil²⁰.

O Deus glorioso

O Deus de AMdC é também o Deus glorioso a quem ela dá glória, não porque Deus precise ou tenha falta de glória, mas porque o sujeito sente a necessidade e a alegria de testemunhar a Transcendência e a grandiosidade de Deus, tal como nós aclamamos na celebração eucarística: “nós Vos damos graças por vossa imensa glória”. Com efeito, é a própria glória de Deus que nos leva a reconhecê-la e a adorá-la, louvá-la, sem que lhe acrescentemos seja o que for. Ela é glorificável por ela mesma.

Conclusão

Diante destes traços gerais da espiritualidade de Alexandrina de Balasar é possível extrair algumas características fundamentais e que, como a própria classificação indica, estão no fundamento da sua espiritualidade.

Assim sendo, a pesquisa pelos seus escritos (ainda que poucos para o tempo da sua vida) mostra-nos uma *espiritualidade trinitária*: “... festa dos meus tão queridos amores como lhe chamava, Pai, Filho e Espírito Santo”²¹. Na sua fé trinitária, AMdC invoca mais vezes o Filho, o que dá uma forte *coloração cristológica e eucarística* à sua espiritualidade. Esta marca cristológica e eucarística foi alimentada pela espiritualidade da região onde viveu, e pelo contacto que teve com a piedade difundida da veneração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração Imaculado de Maria, alimentada essa veneração pela recitação do rosário.

²⁰ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 175.

²¹ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 67

Neste sentido, a espiritualidade da Beata Alexandrina vive a consciência amadurecida da paternidade de Deus. O seu espírito reza no Espírito a Deus como Pai, ao Deus Criador, mas sobretudo ao Deus como Pai:

“... mas meu querido Paizinho do Céu, estou a cumprir a missão que Vós destinaste para mim. Seja feita a Vossa santíssima vontade ...”²²; “... Pai, Pai, imola-me, sacrifica-me! O mundo pertence-te! Pai, Pai, meu Pai!”²³

Assim sendo, estas características primordiais da espiritualidade de Alexandrina de Balasar são o exemplo de uma espiritualidade autenticamente cristã, centrada nos fundamentos da fé e não perdidas no que não é essencial.

José Carlos Carvalho

Igreja e Missão 73/241 (2020) 59-83.

²² Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 95.

²³ Cf. ALEXANDRE FREIRE DUARTE (ed.), *Obras Completas de Alexandrina Maria da Costa*, 82.